

Educação e Relações de Gênero na zona da Mata Sul pernambucana: aproximações entre meio rural e formação de professores de Química

Mylena Lahana Gouveia Peixoto¹, Nielson da Silva Bezerra²

¹Licenciada em Química pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE, Brasil).

²Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco.

Professor da Licenciatura de Geografiado IFPE – Campus Recife.

Education and gender relations in the south of pernambuco rainforest zone: approximations between the rural environment, gender relations and teacher training in Chemistry.

Informações do Artigo

Recebido: 15/09/2019

Aceito: 27/12/2019

Palavras-chave:

Agroecologia; Formação de Professores; Relações de Gênero.

Key words:

Agroecology; Teacher Training; Gender Relationships.

E-mail:

mylenalahana@hotmail.com

A B S T R A C T

Gender Relations Education is also Education that is inserted in the defense and maintenance of Human Rights, and is thus one of the guardians of democracy. Our methodological framework was the qualitative research of a participant nature, supported by the Focus Group technique with women who participate in the educational projects of the Sabiá Agroecological Development Center. The oppressive relationships between male / female affect our society in a structural way. Teacher Education should not be left out of this discussion, considering that the school is one of the social institutions that should contribute to the construction of a more just and solidary society. We consider it essential for the formation of the Chemistry Teacher to study the theme of Gender Relations. Only the firm pursuit of an education in line with the defense of human rights can, in fact, contribute to the construction of a more just and solidary society.

1. INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa é inspirada na trajetória formativa da Licenciatura em Química, quando tivemos a oportunidade de construir conhecimentos nos componentes curriculares de nossa matriz curricular. Esses conhecimentos foram fortalecidos duranteo Programa de Iniciação Científica e Tecnológica do IFPE – campus Barreiros, outra importante trajetória formativado curso. As investigações científicas estãoinseridas no arco de estratégias desenvolvidas no projeto Agroecologia, Agricultura Orgânica e Desenvolvimento Sustentável na zona da Mata Sul de Pernambuco, e posteriormente no Projeto Transferência de Tecnologia para a Comunidade de Tamandaré-PE, ambos fruto dos esforços conjuntos realizados entre o Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia e a Licenciatura

em Química, através do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável – NEADS, do IFPE campus Barreiros.

Considerando que as Relações de Gênero desiguais afetam nossa sociedade de uma forma estrutural e que a formação de professores não deve ficar de fora dessa discussão, nosso estudo volta-se para a relação entre Meio Rural, Relações de Gênero e Formação de Professores de Química, buscando traçar sentidos a partir dos desafios de nossa realidade de antiga escola agrotécnica federal, tornada Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, formadora de professores de Química que, assim, precisam estar atentos a questões locais e também globais.

Neste sentido, o presente artigo busca compreender os impactos das Relações de Gênero nos processos educativos de mulheres da região da Mata Sul pernambucana, de modo a investigar fenômenos sociais de nossa cultura que precisam ser compreendidos, discutidos e transformados na direção de Relações de Gênero justas, equitativas e construtoras de um mundo melhor, uma das importantes responsabilidades, também, da educação em Química. Nosso referencial metodológico foi a pesquisa qualitativa de cunho participante, apoiada na técnica de Grupo Focal com mulheres que participam dos projetos educativos do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, organização não governamental que trabalha para a promoção da agricultura familiar dentro dos princípios da agroecologia, nossa parceira neste estudo.

2. APORTES METODOLÓGICOS

Utilizamos a pesquisa qualitativa, apoiada na técnica de Grupo Focal com mulheres que participam dos projetos educativos do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Acreditamos que as pesquisas qualitativas são mais adequadas para estudar essa realidade, com base no que aponta Esteban (2010):

Uma característica fundamental dos estudos qualitativos é sua atenção ao contexto; a experiência humana se perfila e tem lugar em contextos particulares, de maneira que os acontecimentos e fenômenos não podem ser compreendidos adequadamente se são separados daqueles (ESTEBAN, 2010, p. 129).

Já a escolha pela técnica de Grupo Focal foi fundamentada nas experiências anteriores que o grupo acumulava em sua formação no Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá e em nossa formação na iniciação científica do IFPE, mesmo porque corroboramos as palavras de Gomes (2005), segundo as quais:

As entrevistas de grupo focal oferecem ao investigador versatilidade e uma variedade de alternativas para coleta de dados. Como se trata de uma técnica de investigação que aproxima investigador e sujeitos da pesquisa, o grupo focal permite ao investigador uma certa flexibilidade na condução da entrevista e maior aproximação com os dados coletados (GOMES, 2005, p. 281).

Participaram do Grupo Focal um total de 27 (vinte e sete) mulheres, com idades que variavam de 19 (dezenove) a 68 (sessenta e oito) anos, moradoras dos municípios pernambucanos de Rio Formoso, Barreiros, Tamandaré, Joaquim Nabuco, Palmares, Catende e Sirinhaém. A maioria dessas mulheres trabalha com essa atividade há mais de cinco anos; nenhuma delas trabalha com agroecologia há menos de três anos, e 3 (três) delas trabalham com agroecologia há mais de vinte anos. A vivência dessas mulheres com a Agroecologia as aproxima também do feminismo e da discussão em torno das Relações de Gênero.

Na realização do Grupo Focal, optamos por utilizar a metodologia do RIO DO TEMPO, adaptada de Biazoti, Almeida e Tavares (2017), “Caderno de Metodologias, Inspirações e Experimentações na Construção do Conhecimento Agroecológico”, da ABA (Associação Brasileira de Agroecologia).

Por meio dessa metodologia, buscamos resgatar a trajetória das mulheres do território e as mudanças nas Relações de Gênero que aconteceram a partir do seu envolvimento com a Agroecologia, oportunizada pela assessoria técnico-pedagógica do Centro Sabiá. Três momentos orientaram o resgate dessa trajetória:

- **o antes** (a NASCENTE do rio): Como era ser mulher camponesa antes do trabalho com a agroecologia?
- **o durante** (o PERCURSO do rio): O que aconteceu? Quais processos, aprendizados e mudanças ocorreram?
- **o depois** (ONDE O RIO DESÁGUA): Como é ser mulher hoje neste contexto com a agroecologia?

Nesse percurso, também destacamos os projetos e iniciativas que trouxeram novos elementos positivos para o contexto (OS AFLUENTES), os problemas ou impedimentos que influíram negativamente no contexto (AS BARRAGENS), os grandes encontros e momentos que mudaram o rumo do percurso (AS CACHOEIRAS), e os desafios (AS PEDRAS NO MEIO DO CAMINHO). Nessa metáfora, o rio é o caminho e o oceano é o destino onde queremos chegar.

3. DISCUSSÃO

3.1 Relações de Gênero

Nosso interesse reside nos processos de construção das Relações de Gênero que ocorrem enquanto fenômenos educativos históricos, de cunho moral e didático-pedagógico, nos espaços formais e não formais de educação. Compreendemos que a escola não é um espaço em que se aprende exclusivamente o conhecimento intelectual, o corpo também é ensinado na escola. O modo de se sentar, o modo de reprimir ou estimular algo, dependendo de quem o pratique e de se esta prática está de acordo com o que se espera de seu gênero, descortinam, muitas vezes, relações de gêneros desiguais. Como afirma Louro (2014),

Por um aprendizado eficaz, continuado e sutil, um ritmo, uma cadência, uma disposição física, uma postura parecem penetrar nos sujeitos, ao mesmo tempo em que esses reagem e, envolvidos por tais dispositivos e práticas, constituem suas identidades ‘escolarizadas’. Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornando-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir” (LOURO, 2014, p. 65).

Infelizmente o aparato escolar vem majoritariamente reforçando ideias que contribuem para a manutenção de diversas injustiças, reforçando estereótipos e reforçando desigualdades.

Não consideramos fácil refletir sobre as Relações de Gênero, seja nos espaços escolares, seja nos assentamentos rurais, entre agricultores e agricultoras familiares, mesmo porque a repressão sobre o feminino não é nova, pelo contrário, remonta aos primórdios de nossa história, como já afirma Chauí (1991):

“(…) durante um longo período (no passado de nossa sociedade), o termo sexo referia-se exclusivamente às mulheres – estas não tinham um sexo, eram o sexo (e, por isso mesmo, figuras por excelência do Mal e da busca desenfreada do prazer, amolecendo corpo e espírito dos homens guerreiros) precisando ser controladas, punidas, vigiadas de todas as maneiras possíveis” (CHAUÍ, 1991 p. 27)

A busca por Relações de Gênero mais equitativas não beneficia apenas as mulheres, toda a humanidade ganha com Relações de Gênero mais justas. Relações de Gênero são relações de poder e o lugar do homem como dominador absoluto dessas Relações também faz deste “(…) uma vítima potencial – constantemente aberto para o ataque simbólico, não apenas por outros homens, mas também por mulheres” (PARKER, 1991, p. 82).

Neste sentido, nossa pesquisa pretende estudar as Relações de Gênero nos processos educativos desenvolvidos no meio rural, tentando compreender os conceitos de gênero que se concretizam nas vidas de mulheres do meio rural da Mata Sul pernambucana. Compreendemos que esse tema deva ser articulado à formação de professores de nosso curso, tendo em vista a força que a diversidade cultural vem ganhando na interpretação dos fenômenos educativos, como já reconhecem Canen e Xavier, 2011:

As questões que envolvem a diversidade cultural brasileira têm sido alvo de inúmeros estudos na última década no cenário educacional. Cada vez mais conceitos como diversidade, diferença, igualdade e justiça social têm se configurado como uma preocupação por parte daqueles que lutam por uma educação verdadeiramente cidadã. Ao mesmo tempo, articular tais conceitos à formação de professores tem se tornado um desafio premente para a educação e para as instâncias envolvidas nesse processo (CANEN; XAVIER, 2011, p. 641).

Nossos estudos debruçam-se nas questões de Gênero porque consideram esse tema essencial para a Educação e, portanto necessário também à Formação de Professores. O próprio conceito de Relações de Gênero é complexo e ainda não foi compreendido adequadamente no meio educacional brasileiro, conforme indicam os estudos feministas:

Foi apenas na década de 1990 que as questões de gênero ganharam visibilidade na pesquisa e na política educacional brasileira, portanto, o discurso educacional e acadêmico ainda não incorporou, ampla e rigorosamente, o conceito de gênero originalmente veiculado pela teorização feminista: gênero como construção social e cultural, estrutura e relação de desigualdade, marcador de identidade dominante/dominada, subjetividade. Gênero não se transversalizou nos currículos dos cursos de graduação e pós-graduação da área de educação, nem tampouco nos currículos dos demais cursos superiores (CARVALHO; RABAY, 2015, p. 121).

A educação, portanto, precisa ser questionada e dar respostas ao nosso tempo, estar em sintonia com os desafios da contemporaneidade, servir ao bem comum, conforme Bezerra e Dantas (2007):

Essa educação que buscamos pressupõe também questionar a ética que permeia o processo educativo. Como seres históricos e éticos, somos capazes de comparar, escolher, decidir e romper. Estas qualidades estão permeadas por relações de poder. É necessário, portanto, observar na prática pedagógica em que medida tais decisões influenciam ou são influenciadas pelas relações de poder racistas, sexistas e homofóbicas. Algumas questões permitem refletir sobre essa realidade na escola e reorientar o processo pedagógico na escola, por exemplo (BEZERRA; DANTAS, 2007, p. 25).

A educação, neste sentido, é também uma expressão política, comprometida com o bem comum, engajada na transformação geradora de justiça social, assim como nos alertou Freire (2005).

3.2 Formação de Professores de Química

A Formação de Professores, por sua vez, ainda vem majoritariamente enfrentando crises de identidade entre a formação específica e a formação didático-pedagógica, o que tem contribuído para o estabelecimento de pouca diferença entre as licenciaturas e os bacharelados, apesar dos esforços em mudar esse quadro, conforme Inforsato (2016):

A despeito de referências que procuraram dar e mesmo sugerir maior flexibilidade na sua estrutura, desafogando os cursos da rigidez da matriz disciplinar, aumentando o número de horas práticas nas escolas, constata-se que as instituições formativas, pelo seu modo de organização e, sobretudo, pelos valores sobre escolaridade, não se desfizeram de seus esquemas de tradição bacharelesca; isto é, os cursos de formação de professores continuam a acontecer dentro de atividades curriculares que pouco os preparam para o desempenho de sua profissão na sala de aula (INFORSATO, 2016, p. 440).

Outros desafios, muitos dos quais localizados na estrutura da Educação Básica brasileira e na má qualidade de muitos cursos de formação de professores, também pressionam a Formação de Professores, como aponta Caldas (2011):

Certamente o desafio de ensinar, cada vez mais complexo, esbarra nas mãos do professor, dando maior visibilidade ao fosso existente na formação, o que torna imperativa a necessidade do aumento de cursos de licenciatura, da revisão das atuais licenciaturas, de novas licenciaturas e de programas de educação continuada para os que já se colocaram no ofício de ensinar. Esse desafio não é pequeno para a dinâmica do trabalho docente se, em especial, considerarmos o processo por que passaram (e ainda passam) os atuais professores da educação básica, a maioria oriunda de cursos organizados segundo uma visão fragmentada e muitas vezes inadequada no que se refere à aplicação do método científico, da ciência e da tecnologia (CALDAS, 2011, p. 35).

Quando refletimos sobre a Formação de Professores de Química, o quadro não é muito diferente, muitos desafios estão presentes, como já apontado por Mesquita, Cardoso e Soares (2013):

Ao discutirmos a diversidade de modelos de licenciaturas em Química, sejam eles presenciais, à distância ou aligeirados, oferecidos por

instituições privadas ou públicas, os aspectos da natureza do conhecimento relacionados à formação proporcionada aos futuros profissionais da docência precisam ser revistos e a questão da qualidade do curso deve ser uma discussão constante. Nesse sentido, devemos considerar que a construção dos saberes efetivamente importantes para a adequação destes cursos às tendências atuais de formação de professores não pode acontecer independentemente da discussão sobre qual o modelo de formação docente a ser utilizado no contexto atual da educação brasileira. (MESQUITA; CARDOSO; SOARES, 2013, p. 198).

Diversos autores apontam como resposta ao desafio da Educação o envolvimento dos professores em pesquisas que aproximem os docentes da realidade sociocultural em que está inserido. Neste sentido, refletir sobre nossas Relações de Gênero é essencial, especialmente no quadro atual onde uma das mais terríveis faces da dominação do masculino/feminino se apresenta, a violência de gênero, como reconhecem Leal, Carvalho e Antunes (2018):

El enfrentamiento del problema de la violencia de género, sin embargo, está lejos de una solución y Brasil tiene indicadores alarmantes sobre los asesinatos de mujeres. Según datos recopilados por Waiselfisz (2015) en un estudio hecho en 83 naciones, este país ocupa el quinto puesto en el ranking de homicidios de mujeres en el ámbito internacional. (LEAL, CARVALHO; ANTUNES, 2018, p. 20).

A Educação que reflete e discute sobre as Relações de Gênero é também a Educação que está inserida na defesa e manutenção dos Direitos Humanos, sendo, desse modo, uma das guardiãs da democracia, que é mais do que simplesmente votar, assim como apontam os estudos neste campo:

Nesse sentido, uma educação comprometida com a democracia, mais do que uma simulação de práticas eleitorais, deverá necessariamente buscar cultivar em seus alunos, por meio de suas práticas e de seus conteúdos pedagógicos, um modo de vida cujos fundamentos nesses princípios e valores públicos se caracterizam pela ampliação e efetivação dos direitos humanos (CARVALHO et al., 2005, p. 188)

Nosso estudo se debruça ainda sobre as complexas questões culturais que envolvem a vida das mulheres do meio rural, de modo a contribuir com Relações de Gênero mais equitativas e justas. Mesmo porque,

Ainda que a maioria das mulheres esteja produzindo alimentação em diversos lugares do planeta, necessariamente, não significa que são as mesmas que estão conduzindo processos de tomada de decisões sobre o que produzir e como produzir (SILVA; MATOS, 2014, p. 35).

A Formação de Professores de Química do IFPE campus Barreiros, único curso superior público noturno do município de Barreiros, precisa enfrentar os desafios que as Relações de Gênero no meio rural impõem à sociedade da Mata Sul pernambucana, contribuindo para a construção de um mundo mais justo, solidário, que tenha orgulho de defender os Direitos Humanos de todas e de todos.

3.3 Mulher no Meio Rural

Vários estudos apontam a invisibilidade do trabalho feminino no meio rural bem como as jornadas excessivas de trabalho no campo, além do trabalho doméstico, como o de Gonçalves e Guimarães (2017):

A mulher no meio rural exerce funções de adubação, capinação, colheitas, podas, e de secar, malhar, ensacar o feijão (e outros grãos), cuidar das pequenas criações. Assim ela se torna responsável por todo trabalho ao seu entorno. No entanto, não obstante sua relevância na produção agrícola, seu trabalho ainda permanece invisível (GONÇALVES; GUIMARÃES, 2017, p. 237).

Aqui também, Relações de Gênero injustas e produtoras de estigma e discriminação atormentam as vidas das mulheres do campo. Este cenário deve ser estudado, discutido e alcançado pela Formação de Professores de Química, formação essa inserida numa região onde o espaço rural faz parte da vida de muitos de seus profissionais, estudantes e egressos. Nesse sentido, nossa pesquisa se volta para esse público, para esse espaço, para essa realidade.

4. RESULTADOS

Nossa pesquisa foi realizada no assentamento Amaraji, em Rio Formoso, na casa de uma das agricultoras participantes do estudo. O estudo teórico buscou referência nas publicações científicas acerca dos temas: Relações de Gênero, Meio Rural e a Formação de Professores.

Através dessa metodologia buscamos resgatar a trajetória das mulheres do território e as mudanças nas Relações de Gênero que aconteceram a partir do seu envolvimento com a Agroecologia, oportunizada pela assessoria técnico-pedagógica do Centro Sabiá. Como já mencionado, três momentos orientaram o resgate dessa trajetória: o antes, o durante e o depois. Para fins de análise, identificamos as mulheres por nomes fictícios.

4.1 O antes (a NASCENTE do rio): Como era ser mulher camponesa antes do trabalho com a agroecologia?

Imagem 1: As mulheres diante do Rio



Foto: dos autores, outubro/2018.

A resposta para essa questão foi atravessada por dor, perdas, frustrações e dificuldades; todas as histórias que desfilaram nesse rio tinham esses componentes.

Antes eu tinha uma vida cruel, eu morei em Maragogi, eu morava na casa dos outros, destelharam minha casa, eu não devia nada. Consegui esta parcela em Catende, só tinha capim, eu me lascava para tirar capim. Os compradores chegavam em casa, eu também costurava. Fiquei fazendo muda, depois eu peguei as mudas e fui deixando as plantas, os bois comia as minhas plantas. (Elinda, 68 anos – Agricultora da comunidade de Amaraji, Rio Formoso-PE)

As Relações de Gênero atravessavam a vida das mulheres com seus companheiros e com os pais, muitas vezes “rebatiam” em questões educacionais e estavam também marcadas por longas jornadas de trabalho na monocultura da cana-de-açúcar, conforme podemos perceber na fala de Cristina, transcrita abaixo.

Eu vinha da monocultura com cana-de-açúcar. Eu e meu marido, cada um com seu trabalho, eu era mais velha que ele, eu sempre trabalhei muito mais que ele. Eu tive uma infância muito humilde, nunca tive estudo, pois meu pai dizia que educação não enche barriga. Tive 3 filhos do casamento, meu marido me tratava mal, saía na sexta e chegava na segunda. (Cristina, 41 anos, da Comunidade Engenho Conceição, Sirinhaém-PE)

A submissão ao marido, a falta de esperança diante da vida, a certeza de que a Educação Escolar não é coisa para “elas”, e uma FORÇA inspiradora, marcaram a vida dessas

mulheres ANTES de conhecerem a Agroecologia, as reflexões sobre as Relações de Gênero e a ação educativa do Sabiá. Mesmo acessando lembranças tristes, surge o bom-humor, o sorriso, até a pausa dramática, conforme nos ensina Maria Isabel.

Toda vida eu era agricultora. A vida da gente era trabalhar. Nunca tive nada, nem estudo. Meus pais não me colocaram na escola porque diziam que não iria dá resultado para mim e sim pro marido. Meu marido era um homem BOM... (pausa dramática) Para as Outras mulheres!! Eu me sentia uma empregada do meu marido. (Maria Isabel, 41 anos, Comunidade de Rochedo, Catende-PE.)

Durante as diversas falas nesse momento, as violências de Gênero foram apresentadas pela negação à escola; pela negação ao respeito; pela negação a si mesma. Os sorrisos, as lágrimas, as falas trêmulas e os olhares de respeito permearam esse momento, e a Escola estava presente na ausência e também como medida de referência em relação ao “sofrer”, tanto que Adriele, mesmo contando seus sofrimentos, quase se culpa por não ter sido proibida de estudar pelos pais, conforme a fala transcrita abaixo.

Eu trabalhava em casa, meu pai era uma pessoa traumatizada, a gente chegava em casa vindo da escola e ajudava ele na agricultura. Acho que minha vida não foi tão difícil porque meu pai não me proibiu de estudar. (Adriele, 31 anos, Comunidade Engenho Rio Branco, Joaquim Nabuco-PE)

Observamos que este momento foi vivido de maneira mais uniforme durante o Grupo Focal, com histórias e momentos muito parecidos, com marcas próprias de sofrimento, mas com os mesmos elementos presentes: Relações de Gênero provocadoras de violência vinda da família inicial e reforçada na nova família e nas tentativas de novas famílias que permearam o caminho dessas mulheres. Por mais chocante que possa parecer ouvir que a escola não é para as mulheres, sabemos que essa situação é mais comum do que parece. Num estudo sobre práticas pedagógicas reprodutoras de desigualdades, Reis e Gomes (2011) identificaram uma subnotificação em relação às meninas numa classificação de alunos superdotados, provocada por um olhar estereotipado em relação às meninas, durante a indicação para o Programa de Atendimento ao Aluno com Altas Habilidades/Superdotação no Brasil. Os autores apontam uma antiga tradição neste sentido na história do ocidente.

Uma herança sociocultural de conformismo e obediência condiciona as expectativas de comportamento em relação às meninas e possivelmente às expectativas delas quanto a si mesmas. A elas cabe, conforme a tradição grega, o recolhimento ao gineceu, parte da casa reservada ao gênero feminino, ao passo que aos homens compete salientar-se, atrever-se, aparecer, tomar iniciativas (REIS; GOMES, 2011, p. 516).

4.2 O durante (o PERCURSO do rio): O que aconteceu? Quais processos, aprendizados e mudanças ocorreram? Como foi o encontro com o processo educativo vivenciado durante os encontros com o Centro Sabiá?

Imagem 02: O percurso do Rio



Fonte: autores, outubro de 2018.

Nesta segunda etapa, identificamos mais diferenças entre os discursos das mulheres. Embora todas tenham relatado melhorias e avanços em suas vidas, percebemos que esses avanços ocorreram em diferentes estágios, em graus diferentes de “libertação”. A importância da Agroecologia é outro elemento comum e que saltava de todos os lados, em todas as falas, muito bem sintetizada por Elinda e bem desenvolvida por Célia:

Hoje com a agroecologia mudou minha forma até de enxergar as coisas, principalmente no meu trabalho. (Elinda, 68 anos – Agricultora da comunidade de Amaraji, Rio Formoso-PE)

O depoimento transcrito abaixo dá ideia da força e abrangência da Agroecologia na vida dessas mulheres.

A cachoeira caiu como uma mudança muito grande pra mim. A agroecologia é totalmente diferente, aprendemos como lidar com a terra; a cultivar e proteger sementes. Um pensamento bem diferente sobre tudo. Às vezes as pessoas não aceitam. Aprendemos a fazer valer os nossos direitos. Aprendi a avaliar. Continuar os passos que estão dando certo, agricultura agroecologia. (Célia, 42 anos, Comunidade de Vista Alegre, Palmares-PE.)

A forte relação entre Agroecologia e Feminismo é tão inequívoca quanto o slogan “Sem Feminismo não há Agroecologia” (levado a cabo pelas feministas presentes nos Encontros Nacionais de Agroecologia), ao passo que o Feminismo é a esteira política que gerou o conhecimento científico das Relações de Gênero na academia e nos movimentos

sociais. Os estudos de Flores e Trevizan (2015), entre outros, comprovam essas raízes a partir do conceito de Ecofeminismo e comunidade sustentável.

Um bom exemplo das diferenças no empoderamento das mulheres no grupo é a fala de Patrícia, abaixo transcrita.

As pedras foram muito pesadas pra mim, e quando me casei piorou. Me tornei muito reprimida. Vivo com ele há 12 anos e desde que me casei que meu marido sempre foi muito difícil. Eu aprendi a não falar quanto ganho. Ele dizia: vá tomar banho que eu vou lhe usar. Eu aprendi a dizer não, mas ainda me sinto submissa. (Patrícia, 38 anos, Comunidade Engenho Camarão, Barreiros-PE)

A fala de Patrícia e as falas semelhantes à dela foram recebidas com profundo respeito pelo grupo, não havia reprovação nem semblantes de superioridade ou cochichos críticos, houve apenas respeito e acolhimento. Mesmo nessas falas ainda em processo, pode-se identificar avanços, força e esperança, eis a maior lição que estas mulheres desfilam em sua reunião agroecológica.

4.30 depois (ONDE O RIO DESÁGUA): Como é ser mulher hoje neste contexto com a agroecologia? Quais os desafios? O que a Agroecologia nos dá para enfrentar as pedras que surgem no percurso do Rio?

Imagem 03: O Rio da Vida



Fonte: Autores, outubro de 2018.

Esse foi o momento mais alegre, entusiasmado e emocionante do Grupo Focal. Os depoimentos fluíram em meio a sorrisos e gritinhos. Havia uma espécie de celebração em

cada fala, em cada olhar, em cada agradecimento. O depoimento de Edilene, por exemplo, transcrito abaixo, é emblemático neste sentido.

Terra é que nem gente, uns mais fácil outras mais difícil... O Sabiá contribui muito porque conversou muito, aprendi muito. Não tolero homem me escravizar, o mesmo direito de um é o mesmo do outro. (Edilene, 38 anos, comunidade Engenho Camarão, Barreiros-PE)

Há aprendizado agroecológico, há aprendizado nas Relações de Gênero, há aprendizado na vida. Será que há alguma dúvida em relação ao processo educativo vivenciado nesta experiência educativa? Enquanto Louro (2015) denuncia de forma contundente a escolarização do corpo dentro dos padrões de dominação masculino/feminino pela escola, em seu clássico “O corpo educado”, podemos constatar o poder da ação educativa feminista no sentido de construir Relações de Gênero mais justas e equitativas através do Centro Sabiá.

Em seus ritmos, em suas histórias, sem pressão e sem doutrinação, com o devido respeito à individualidade de cada mulher, o processo educativo caminha. A Josefa, com sua história, com seus avanços e com suas lembranças, ilustra bem esse cenário.

Sou filha de agricultor, a gente que trabalho muito. Aprendi sobre Segurança Alimentar, eu fui acostumada com a comercialização. Meu pai foi muito prostituto. Eu tive filho aos dezoito. Sempre gostei de aprender sobre comércio. Se quer viver comigo é pra dividir. (Josefa, 39 anos, comunidade Cerinha, Ribeirão-PE)

Também aqui, todo o respeito do grupo, toda compreensão porque quem já avançou lembra como foi difícil cada passo, como foi difícil enfrentar uma cultura tão discriminatória e segregadora, em meio a um cenário cultural extremamente diverso e múltiplo, como apontam os estudos.

Na verdade, em muitos trabalhos recentes sobre culturas sexuais e sobre construção social de interações sexuais, até mesmo as noções de gênero e de identidade de gênero têm sido, cada vez mais questionadas. O que significa ser macho ou fêmea, masculino ou feminino, em contextos sociais e culturais diferentes, pode variar enormemente, e a identidade de gênero não é claramente redutível a qualquer dicotomia biológica subjacente. (PARKER, 2015, p. 135)

Não há dúvida também que houve aprendizado sólido, crescimento pessoal e vontade de multiplicar esses conhecimentos pelo mundo, conforme nos aponta Mariana, no depoimento abaixo.

Aprendi muito e cada vez mais. Hoje trabalho a questão de gênero. (Mariana, 21 anos, comunidade Engenho Barra do Dia, Palmares-PE)

Houve também a certeza de que ainda há muito a ser feito, de que ainda há muitas lutas a serem travadas, assim também como muitas ameaças. Tanto que Lindinalva nos alerta.

*Precisamos de política ativa, pois só assim alcançaremos dias melhores.
(Lindinalva, 58 anos, Comunidade Amaraji, Rio Formoso – PE.)*

Consideramos que vivemos tempos de distorção de conceitos e recrudescimento do conservadorismo opressor, numa espécie de onda à direita, com fortes ataques às conquistas recentes do movimento de mulheres, conforme aponta o estudo de Cunha (2016).

O que essa breve etnografia sugere é que a expressão “*ideologia de gênero*” se constituiu, nos últimos anos, uma categoria política que encontrou no legislativo um campo privilegiado para seu estabelecimento e difusão. Por meio de um trabalho sistemático, contínuo, capilar e vigilante, bancadas políticas religiosas conseguiram retirar a perspectiva de gênero dos principais marcos reguladores da educação pública brasileira, o que se expressou com a aprovação do PNE e dos planos estaduais e municipais, mas também com a submissão de dezenas de PL que almejam proibir práticas pedagógicas orientadas por essa perspectiva, como aqueles em tramitação nas cidades de Teresina e Manaus. Soma-se a isso um processo mais amplo, em curso, de tentativas de implementação do Programa Escola Sem Partido nos âmbitos federal e estaduais (CUNHA, 2016, p. 12).

Precisamos estar atentos, fortalecer a mobilização, intensificar os estudos e exercermos papel como educadoras comprometidas com os Direitos Humanos e com a construção de um mundo mais justo e solidário para todas e todos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossos estudos indicam que as Relações de Gênero são relações de poder historicamente construídas entre as identidades sexuais, entre elas, o masculino/feminino.

As relações opressoras entre masculino/feminino afetam nossa sociedade de uma forma estrutural e a formação de professores não deve ficar de fora dessa discussão, considerando que a escola é uma das instituições sociais que devem contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

O grupo focal, assim como os estudos do aporte teórico, indica que as ações educativas no campo da Agroecologia têm construído conhecimentos que afetam positivamente a vida das mulheres participantes.

O aprendizado agroecológico tem sido construído ao lado das Relações de Gênero, dentro do ritmo e das possibilidades de cada mulher e o Centro Sabiá construiu uma metodologia que tem garantido a ampliação do conhecimento entre as mulheres, contribuindo para a melhoria de suas vidas e de suas famílias.

Consideramos ser essencial para a Formação do Professor de Química o estudo das Relações de Gênero, em especial no IFPE campus Barreiros, instituição pública de formação de professores da região da Mata Sul de Pernambuco. Apenas a busca firme por uma educação em consonância com a defesa dos Direitos Humanos pode, de fato, colaborar para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Vivemos um momento político e social em que a disputa pelas políticas públicas educacionais tem se intensificado, em especial, quanto ao conceito de Relações de Gênero. Consideramos ser necessário aprofundar os estudos e as mobilizações políticas no sentido de defender os avanços conceituais e políticos que têm garantido o reconhecimento de que há discriminação de gênero e que essa situação deve ser enfrentada pela escola, tendo também o professor de química um importante papel neste sentido.

Referências

ARENDETT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BEZERRA, Nielson da Silva. **Acerca da Educação, do Preconceito e da AIDS**: um olhar a partir do EDUCAIDS e da Rede Nacional de Pessoas Vivendo com AIDS em Pernambuco. Berlim: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

BEZERRA, Nielson da Silva; DANTAS, Sílvia Marques. Educação Inclusiva: não-sexista, antirracista e não-homofóbica. In: BEZERRA, Nielson da Silva (org). **Respeitando as Diferenças no Espaço Escolar**. Recife: Gestos, 2007.

BIAZOTI, André; ALMEIDA, Natália; TAVARES, Patrícia. (orgs.) **Cadernos de Metodologias**: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico. Associação Brasileira de Agroecologia – ABA. 1. ed. Viçosa-MG: Universidade de Viçosa, 2017.

CALDAS, Luiz. A Formação de Professores e a Capacitação de Trabalhadores da EPT. In: PACHECO, Eliezer. **Institutos Federais**: uma revolução na educação profissional e tecnológica. Brasília, Moderna, 2011.

CANEN, Ana; XAVIER, Giseli Pereli de Moura. Formação Continuada de Professores para a Diversidade Cultural: ênfases, silêncios e perspectivas. In: **Revista Brasileira de Educação**. v.16. n. 48. set-dez. 2011.

CARVALHO, José Sérgio F. de; SESTI, Adriano; ANDRADE, Júlio Pinheiro; SANTOS, Luciano Silva; TIBÉRIO, Wellington. Educação e Direitos Humanos: experiências em formação de professores em práticas escolares. In: SCHILLING, Flávia. (org). **Direitos Humanos e Educação**: outras palavras, outras práticas. São Paulo: Cortez, 2005.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa; RABAY, Glória. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis, 23 (1): janeiro-abril/2015.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CUNHA, Flávia Melo. O túnel, o Frota, a ideologia de gênero. In: **Ponto Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, Nº 18, 2016.

FLORES, Bárbara Nascimento; TREVIZAN, Salvador Dal Pozzo. Ecofeminismo e comunidade sustentável. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 23(1):312, janeiro-abril, 2015.

ESTEBAN, Maria da Paz Sandrín. **Pesquisa Qualitativa em Educação**: fundamentos e tradições. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOMES, Alberto Albuquerque. Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal. In: **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 275-290. jul./dez. 2005.

GOLÇALVES, Raquel Quirino; GUIMARÃES, Soraia de Melo. Relações de gênero e divisão sexual do trabalho no meio rural: interlocuções com o movimento social “Marcha das Margaridas”. In: **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantinópolis, v. 2, n. 1, p. 231-251. jan./jun. 2017

INFORSATO, Edson do Carmo. O bacharelismo e a crise permanente da formação de professores. **RPGE – Revista online de Política e Gestão Educacional**, v. 20, n. 03, p. 432-443. 2016.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de; ANTUNES, Elton. La violencia contra mujeres brasileñas en las esferas pública y mediática: Violence against Brazilian women in public and mediatic spheres. In: **Comunicar**, 55, XXVI, 2018.

LOURO, Guaciara Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. (Orgs). **O corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MESQUITA, Nyuara Araújo da Silva; CARDOSO, Thiago Miguel Garcia; SOARES, Márlon Flora Herbert Barbosa. O projeto de Educação Instituído a partir de 1990: caminhos percorridos na Formação de Professores de Química no Brasil. In: **Química Nova**, v. 36, n. 1, p. 195-200, 2013.

PARKER, Richard G. **Corpos, prazeres e paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 1991.

_____. Cultura, Economia Política e Construção Social da Sexualidade. In: LOURO, Guaciara Lopes. (Orgs). **O corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

REIS, Ana Paula Poças Zambelli dos; GOMES, Candido Alberto. Práticas Pedagógicas Reprodutoras de Desigualdades: a sub-representação de meninas entre alunos superdotados. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19 (2):336, maio a agosto de 2011.

SILVA, Sandra Procópio da; MATOS, Jatene da Costa. As Mulheres e a Produção Invisível da Agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**. v. 9, n. 4, 2014.

RESUMO

A Educação das Relações de Gênero é também a Educação que está inserida na defesa e manutenção dos Direitos Humanos, sendo, desse modo, uma das guardiãs da democracia. Nosso referencial metodológico foi a pesquisa qualitativa de cunho participante, apoiada na técnica de Grupo Focal com mulheres que participam dos projetos educativos do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. As relações opressoras entre masculino/feminino afetam nossa sociedade de uma forma estrutural. A Formação de Professores não deve ficar de fora dessa discussão, considerando que a escola é uma das instituições sociais que devem contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Consideramos ser essencial para a Formação do Professor de Química o estudo do tema das Relações de Gênero. Apenas a busca firme por uma educação em consonância com a defesa dos Direitos Humanos pode, de fato, colaborar para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Palavras chave: Agroecologia. Formação de Professores. Relações de Gênero.

RESUMEN

La educación en relaciones de género es también una educación que se inserta en la defensa y el mantenimiento de los derechos humanos y, por lo tanto, es uno de los guardianes de la democracia. Nuestro marco metodológico fue la investigación cualitativa de carácter participativo, respaldada por la técnica del Grupo de enfoque con mujeres que participan en los proyectos educativos del Centro de Desarrollo Agroecológico de Sabiá. Las relaciones opresivas entre hombre / mujer afectan nuestra sociedad de una manera estructural. La formación del profesorado no debe quedar fuera de esta discusión, ya que la escuela es una de las instituciones sociales que debería contribuir a la construcción de una sociedad más justa y solidaria. Consideramos que es esencial para la formación del profesor de química estudiar el tema de las relaciones de género. Solo la búsqueda firme de una educación acorde con la defensa de los derechos humanos puede, de hecho, contribuir a la construcción de una sociedad más justa y solidaria.

Palabras clave: agroecología. Formación de profesores. Relaciones de género.